

## Os tártaros de longe e de perto: Estudo e tradução do *Livro do Estado do Grande Khan* (séc. XIV)<sup>1</sup>

Susani Silveira Lemos França  
Professora Livre-Docente em História Medieval – UNESP/Franca  
[susanilemos@uol.com.br](mailto:susanilemos@uol.com.br)

Rafael Afonso Gonçalves<sup>2</sup>  
Pós-doutorando em História Medieval – FFLCH/USP  
[rafael\\_ag13@yahoo.com.br](mailto:rafael_ag13@yahoo.com.br)

Recebido em: 20/04/2018  
Aprovado em: 30/05/2018

**Resumo :** Entre o final do século XIII e o início do século XIV, as missões dos franciscanos e dominicanos para difundir o Evangelho nas terras orientais, especificamente nos domínios do Grande Khan de Catai, ganharam impulso graças ao apoio do papado. Em resposta aos pedidos de reforço missionário do franciscano João de Montecorvino, o papa Celestino V decidiu fundar dois arcebispados nas terras orientais, um na capital Cambalique e outro na cidade portuária de Zayton. A iniciativa, motivada pelo desejo do papa e dos missionários de unir a grandeza cristã à de um soberano que ao mesmo tempo ameaçava mas podia vir a ser um aliado imbatível contra os muçulmanos, visava formar um aparato institucional para uma atuação mais sólida e continuada, bem como para se obter mais informações sobre aquelas terras e gentes. É nessa conjuntura que se insere o relato conhecido como Livro do Estado do Grande Khan, traduzido, contextualizado e apresentado no presente artigo. Provavelmente uma compilação de relatos alheios e cujo autor é desconhecido, esta fonte alcançou aceitação nos reinos cristãos por celebrar os sucessos dos franciscanos em terras então de largo interesse, mas também por apresentar de forma minuciosa os hábitos, costumes e valores do Grande Khan.

**Palavras-chave:** Império Mongol; Missões Mendicantes; Idade Média.

**Abstract :**

Between the end of the thirteenth century and the beginning of the fourteenth century, the Franciscan and Dominican missions to spread the Gospel on the Eastern lands, specifically in the domains of the Great Khan of Catai, got impelled due to the support of the papacy. In response to the requests for missionary reinforcement from friar John of Montecorvino, Pope Celestine V decided to establish two archbishops on the eastern lands, one in the capital Cambalique and another in the port city of Zayton. Such initiative, motivated by the Pope's and the missionaries' desire to unite the Christian grandeur to that of the Tartar's sovereign – who at the same time threatened them, but could become an unbeatable ally against the Muslims – aimed to constitute an institutional apparatus for a more solid and continuous action in those lands, as well as to get more information about its people. It is at this juncture that is inserted the account known as “The Book of the Estate of The Great Khan”, translated to Portuguese, contextualized and presented in this article. Probably a compilation of several accounts and whose author is unknown, this source reached acceptance in the Christian kingdoms due to its celebration of the Franciscans' successes in a land of great interest at the time, but also for presenting in detail the Great Khan and the habits, customs and values of his people.

**Keywords : Mongol Empire; Mendicants Missions; Middle Ages.**

## **1. O poder e as qualidades do Grande Khan aos olhos dos mendicantes**

Em um relato do século XIII, com pretensões históricas, o franciscano João de Piano Carpine, enviado pelo papa Inocêncio IV à Mongólia, em 1245, com a missão de se informar sobre a qualidade daquelas terras, da sua gente e, em especial, sobre a capacidade bélica e o potencial conquistador do seu povo (CARPIN, 1735: p. 26; CARPINE, 2005: p. 30), inclui, entre várias críticas, pelo menos algumas nuances sobre o povo tártaro que chamam a atenção por seu tom elogioso.<sup>3</sup> Os tártaros aparecem como “mais obedientes aos seus senhores do que quaisquer outros homens no mundo, sejam religiosos ou laicos” (CARPINI, 1996: p. 51). Destaca, igualmente, entre outros aspectos positivos, o predomínio no lugar da harmonia sonhada por quaisquer outros povos. No primeiro elogio, exalta neles o bom uso de uma das peças-chave da ordem social cristã: a obediência; caminho tomado como essencial para alcançar a retidão na vida moral e a justiça na vida governativa (SENELLART, 2006: p. 158). Crentes no fundamento divino da existência, de que tudo existia por Deus e, conseqüentemente, para Deus, em um elo indestrinçável (GILSON, 1989: p. 177 e 210), muitos foram os pensadores cristãos que a definiram como muito mais do que simples acatamento, ou seja, como aceitação incontestada e fundamental de um comando superior, o de Deus,<sup>4</sup> que se manifestava em escala e hierarquicamente. Esse poder fundador era o que atribuía e justificava poderes – ao imperador, ao rei, ao papa, ao bispo, ao prelado, ao senhor, ao pai, à mãe e a todos aqueles que gozavam de alguma dignidade – a serem igualmente respeitados, tal como o primeiro, justamente porque vindos de Deus e mantidos por sua vontade (BOULNOIS, 2006: p. 170-171). O célebre teólogo franciscano Álvaro Pais, autor de um *Espelho de Reis* que teve larga fortuna desde o século XIV, é assertivo ao defini-la como “a vontade de executar o preceito ou mandato do superior” ou como um “sacrifício espontâneo e racional da vontade própria”, deixando claro, em qualquer dos ângulos, o caráter natural da obediência (PAIS, 1963: p. 353).

Da submissão espontânea seria consequência o segundo elogio: a paz e a concordância, pois tinha ensinado Agostinho – um dos pilares do pensamento cristão – que a obediência garantia a paz do homem com Deus, e a concórdia, a paz dos homens entre si (AGOSTINHO, 1999: cap. XIII p. 402). Não se mostraram poucos aqueles que,

como Egídio Romano ou Martín Peres – entre muitos outros –, reiteraram ao longo dos séculos a harmonia, a paz e a concórdia como sustentáculos das comunidades: uns comparando-as com o efeito das vozes bem combinadas de uma bela música (GARCÍA DE CASTROJERIZ, 2005: p. 672); outros, de forma menos elaborada, apresentando-as como instrumentos para o cultivo das virtudes e como meta última de qualquer pregação de clérigos iniciados nas Escrituras e bem preparados para sua missão.<sup>5</sup>

A propósito dessa reconhecida paz nos domínios dos khans, uma outra perspectiva surge em um relato de uma viagem já do século seguinte, de André de Perúgia, que seguiu em 1307 para dar apoio ao franciscano João de Montecorvino, desde 1293 empenhado em realizar conversões naquelas plagas. Para além de exaltar a “riqueza, esplendor e glória” do imperador, cujos domínios vastos igualmente surpreendiam, nota que, na multidão a ele submetida, não havia um qualquer homem que ousasse “sacar uma espada contra o seu vizinho” (ANDREW, 1914: p. 72). Menos de concórdia tratava e mais, provavelmente, da louvada obediência ao khan de que fala Piano Carpine, fazendo ecoar os ensinamentos dos diversos espelhos de príncipes, que, no seu tempo, ofereciam os parâmetros do que deveriam ser os bons reis.<sup>6</sup> Tal obediência, mesmo que não fosse assim tão plena a ponto de não se notar qualquer confronto entre os seus súditos, denunciava para os cristãos uma unidade e uma paz interna<sup>7</sup> que, nos reinos europeus em processo de formação dos estados nacionais (GUENÉE, 1981: p. 239-240), há muito não se sonhava. Uma paz que teria sido alcançada por, em sua ambição imperial de “impor seu jugo ao mundo inteiro” (MONTE CROCE, 1997: p. 101), se deixarem conduzir por uma máxima de conquista – atribuída a Gengis Khan pelo dominicano Riccoldo de Monte Croce – de que, para avançar, “são necessárias duas coisas: a obediência ao chefe e a concórdia entre [si]” (MONTE CROCE, 1997: p. 103).

Ao lado da concórdia, mas observada como mais questionável, estava a tolerância às diversas crenças ou a dispersão destas naqueles lugares. O mesmo franciscano André de Perúgia observa que, sob o vasto império do khan, existiam “pessoas de todas as nações sob o céu, e de todas as religiões, e que todos e cada um estavam autorizados a viver livremente de acordo com o seu credo”. A tolerância, avalia o frade, era, entretanto, fundada em equívoco, a saber, na “visão errônea de que todos podem encontrar salvação em sua própria religião”. Eles próprios puderam livremente pregar, não conseguindo qualquer sucesso junto aos judeus e sarracenos, mas algum junto aos

idólatras, que até aceitavam o batismo, mas muito pouco seguir os preceitos do cristianismo” (ANDREW, 1914: p. 74).

Apesar da liberdade para pregar, seu referido antecessor João de Montecorvino tinha-se mostrado receoso de que, sem reforço de enviados do Papa, pudesse cristianizar os tártaros, a começar pelo próprio khan. Sua experiência mais demorada naquelas plagas levava-o a manifestar, em carta aos Frades da Custódia Franciscana nas colônias genovesas da Criméia, a sua preocupação quanto à dificuldade de converter o khan, pois este “tinha estado muito tempo na idolatria” (MONTE CORVINO, 1955: p. 224). Lembra, no contexto dessa reflexão, daquilo que seu sucessor reiterará acerca da diversidade de credos tolerados naquele império, mas destacando a predileção do khan em acolher e beneficiar os cristãos. Conta ele que, como representante desses, estava-lhe reservado um lugar mais honrado do que o de “todos os outros preladados, quaisquer que fossem seus títulos” (MONTE CORVINO, 1955: p. 230), dado o apreço que o imperador tinha por saber sobre a Cúria romana e a situação dos latinos, bem como por receber de lá enviados.

Foi, pois, o khan louvado por sua capacidade de unificar seu povo, de manter entre eles a paz e de receber bem os estrangeiros. Ou seja, foi louvado por seus feitos na esfera do que um dos gêneros que desde o século XIII vieram a fixar modelos do bom governante cristão, os espelhos de príncipes (BUESCU, 1996: p. 16-17; 30-33), definiam como do governo do reino.<sup>8</sup> Mas a atenção dos missionários, no seu empenho de saber sobre o lugar a partir sobretudo do seu governante, carrega também tintas mais negativas quando tratam das práticas locais de sucessão e de justiça. No relato da sua viagem ocorrida em 1288, o dominicano florentino Riccoldo de Monte Croce, que não chega propriamente à corte de Kublai Khan (1212-1294), o então soberano mongol, levanta algumas informações sobre eles que ilustram as oscilações entre admiração e desejo de fazê-los cristãos e uma exposição de aspectos perniciosos que se propagavam como próprios deles. O dominicano registra, do que diz ter ouvido falar,<sup>9</sup> que os tártaros julgam como grave um homicídio, senão por razão muito justificada; porém, é admitido entre eles que um khan possa matar outro “para assegurar o poder”, mas sem deixar que seu sangue seja vertido por terra. E para reconhecimento do sucessor, completa o dominicano, era necessário que tomasse para si todas as esposas e mulheres do khan morto, mesmo que este fosse seu pai (MONTE CROCE, 1997: p. 85). Mais adiante, outro dominicano, o francês Jordão Catala de Sévérac, no seu relato *Mirabilia*

*Descripta*, escrito provavelmente de 1329 a 1330, também de ouvir dizer, refere que a morte de um imperador apenas se tornava pública quando “um outro fosse secretamente confirmado no trono por seus parentes e pelos príncipes” (SÉVÉRAC, 2005: p. 291).

## **2. A temer ou a converter: os tártaros em dois tempos**

Para além dessas formas singulares de transição do poder, entre o relato dos dois dominicanos, o de Monte Croce e o de Catala de Sévérac, separados por poucas décadas, é possível notar diferenças de avaliação substantivas, que permitiriam, não fossem as oscilações, falar em um ganho de apreço dos tártaros no início do século XIV – no qual se insere o relato que a seguir será apresentado. O dominicano florentino, ainda sensibilizado com os primeiros impactos dos avanços tártaros, inclusive sobre os reinos europeus, lança impressões de pouco apreço pelo que se dizia sobre seus hábitos, condenando, por exemplo, o seu costume de comprarem a esposa aos pais, “como uma escrava”, e recebê-la das mãos destes e dos consanguíneos como em um cortejo fúnebre (MONTE CROCE, 1997: p. 87). Também não deixa de censurar a concepção “vã” de ressurreição em que alicerçavam suas crenças, pois concebida “à imagem desta vida corruptível”, levando-os, por isto, a abastecerem seus túmulos com alimentos, vestimentas e riquezas que, tal como nesta vida, lhes serviriam depois da morte (MONTE CROCE, 1997: p. 89 e 91). Já o dominicano do século seguinte, talvez inspirado pelas boas novas do arcebispado de Cambalique (atual Pequim), destaca, ao contrário, que “o povo desse império é maravilhosamente honesto, limpo, polido, e até mesmo generoso” (SÉVÉRAC, 2005: p. 290).

Se essa sua disposição para favorecer os seus súditos não era propriamente motivada pelos princípios de uma das virtudes teológicas, a caridade, que foi um dos eixos da moral cristã,<sup>10</sup> a associação das práticas benéficas do khan e do seu povo com valores fundamentais das terras dos viajantes religiosos salta, de qualquer modo, aos olhos. É no contexto desses escritos com uma visada mais positiva dos tártaros que se insere um relato do século XIV que será apresentado e traduzido a seguir. O relato conhecido como *Livro do Estado do Grande Khan* inclui alguns pormenores que deixam ver os frutos do empenho papal em fixar o evangelho naquelas plagas e tornar cristão o grande senhor de lá. Provavelmente uma compilação de relatos (PHILLIPS,

2013: p. 39-40), mas cujo autor é desconhecido,<sup>11</sup> esta fonte alcançou aceitação nos reinos cristãos justamente por celebrar os sucessos dos franciscanos em terras então de largo interesse. A grandeza do khan aparece logo à partida em uma interrogação sobre seu poder de jugo de senhores já por si poderosos. E a referida obediência, que tanto impressionara João de Piano Carpine e André de Perúgia, é ali ilustrada com uma passagem de aceite resignado de castigo de morte por um dos príncipes sob sua autoridade, que “baixou sua cabeça e pacientemente deixou que a cortassem”. Obediência, não seguida de rebelião, justificada em parte pela associação entre justiça e submissão conhecida nas terras a ocidente,<sup>12</sup> onde se aceitava a dimensão punitiva da justiça régia,<sup>13</sup> mas igualmente se considerava seu potencial de garantir a *ordo* tradutora da harmonia – de sugestão divina.<sup>14</sup> O khan, nesse sentido, tinha assegurado a paz e a concórdia, tanto por sua autoridade quanto por praticar a louvada justiça distributiva, para os grandes e os pequenos;<sup>15</sup> justiça esta entendida como o próprio sustentáculo da ordenação harmônica do mundo (GROSSI, 2010: p. 217).

Mas suas associações vão ainda mais longe, pois refere como qualidades do khan duas outras virtudes louvadas nas terras de cá: a piedade e a misericórdia. A primeira, por vezes associada à devoção, por vezes ao perdão em contraponto à severidade, aparece no relato mais explicitamente ligada à liberalidade, à capacidade de conceder, de ser pródigo com os ricos e caridoso com os pobres, como ensinavam os tratados sobre o bem governar (RINCÓN, 2006: p. 23). Mas tudo isso com bom regramento, pois a liberalidade era virtude “medianeira entre o gastar e o reter”, sendo recomendável que se despendesse de acordo com o que se tinha e destinando a quem merecia (GARCÍA DE CASTROJERIZ, 2005: p. 153). Metas que pareceram ao autor estar na mira do khan, pois ele provinha quem precisava sem tomar de quem não devia, isto é, não pressionava “ninguém de seu reino com extorsões extraordinárias e não usuais”.

Para mais, o “Livro do Estado...” trata: das crenças idólatras e dos tipos de religiosos daquelas terras; da densidade populacional e das cidades deveras habitadas que caracterizavam aquele império; das riquezas naturais e abundâncias da terra; da paz reinante; da variedade de mercadoria; da novidade da moeda mensurável pelos símbolos inscritos e não pelo peso; da abundância da seda e do ouro favorecendo a riqueza das vestimentas; e, por fim, trata do hábito de cremar os mortos. Mas merece atenção do autor, sobretudo, o papel dos próprios frades menores naquele país.

### 3. Uma sede e homens virtuosos para uma missão em terras distantes

Uma carta, enviada à Cúria papal entre 1306 e 1307, é um marco decisivo da presença dos frades menores nas terras orientais: a terceira carta escrita pelo frade franciscano João de Montecorvino que, durante quase 35 anos viveu nas terras orientais e, como vimos, boa parte desses anos junto à corte do Grande Khan de Catai. Diferentemente das outras duas missivas antes enviadas por ele, esta última foi a única que obteve uma resposta rápida e efetiva. Nas primeiras notícias enviadas, entre 1292 e 1293, quando passava pela costa oeste da Índia a caminho da capital do império mongol, ele descreveu o clima, as estações do ano, a posição dos astros, algumas frutas, árvores e outros produtos encontrados na região, além de traços e costumes adotados por seus habitantes. Frei João de Montecorvino foi um dos primeiros viajantes latinos a tomar a rota marítima, através de Ormuz, no Golfo pérsico, passando por Coulaon (Quilon), na Índia, a fim de chegar à costa da China. Esclarecimentos e conselhos sobre o caminho atravessado constituem boa parte, aliás, da segunda carta que escreveu, em 1305, quando já estava alocado próximo a Temür Khan (1265-1307), imperador dos mongóis. Nessa mesma correspondência, foram incluídas passagens acerca das conversões e de outros resultados de seu trabalho evangelizador, mas que não suscitaram maior reação de seus destinatários.

Foi a terceira carta, pelo desdobramento de que se tem notícia, aquela que comoveu a Cúria papal a tomar providências em prol do missionário. Nela, o frade contava que, a despeito dos conflitos com os nestorianos – cristãos não obedientes à Sé romana que, por divergências teológicas, eram considerados heréticos –, ele havia batizado “vários milhares” (MONTE CORVINO, 1955: p. 229) entre os orientais e contava com honrarias concedidas pelo Grande Khan – como vimos acima. Além disso, ele mencionava, não sem certo entusiasmo, ter construído duas igrejas com residências anexas, destinadas ao uso dessa pequena cristandade recriada do outro lado do mundo.

Em resposta aos clamores do frade viandante, o então papa Celestino V decidiu não apenas enviar mais homens de boa fé para auxiliá-lo na difusão da Palavra de Deus, mas também fundar junto à corte do Grande Khan um arcebispado, replicando naquelas terras a hierarquia eclesiástica da Igreja romana. Por meio de bula papal, foi promulgada em 1307 a criação do arcebispado de Cambalique, na nova capital do império mongol, e

enviados seis frades – dos quais só três sobreviveram ao trajeto –, com a missão de consagrar como arcebispo Frei João de Montecorvino (RICHARD, 1998: p. 145-149). Pouco tempo se esperou até que outros missionários chegassem, sobretudo membros da ordem franciscana, encarregados da promoção da fé entre os orientais. Com o reforço, um segundo arcebispado foi criado na cidade portuária de Zayton (atual Quanzhou), localizada no sudoeste da China, formando um aparato institucional que lhes permitia uma atuação continuada e, ao mesmo tempo, uma sede para melhor obterem e transmitirem informações sobre aquelas paragens.

Além das qualidades do Grande Khan e das características e organização de seus domínios, os missionários que deixaram por escrito relatos sobre aquela parte do mundo demonstraram estar atentos à situação em que se encontrava o trabalho evangelizador desenvolvido naquelas recém-criadas arquidioceses. As posses, as benesses recebidas e as dificuldades encontradas eram informadas aos seus superiores, por vezes representados na figura do ministro geral da Ordem, outras na do próprio papa e, em alguns casos, no responsável pelo convento de que faziam parte os missionários quando ainda residiam na Europa (GAUTIER-DALCHE, 2013: p. 68-77). Tais informações são reveladas, nesses escritos, nas diferentes descrições de lugares e pessoas encontradas, mas, especialmente, emergem das pequenas narrativas dedicadas a contar a vida e os feitos dos frades instalados naquelas plagas. Os últimos capítulos do *Livro do Estado*, especialmente o capítulo VIII, que trata das vitórias alcançadas por Frei João de Montecorvino, ilustram bem como os avanços e retrocessos da instalação da fé católica aparecem inseparáveis das vidas exemplares do religioso.

Essas narrativas eram conhecidas pelos prelados latinos através de relatos ditados ou escritos por religiosos que, por motivos diversos, retornaram para Europa, ou, ainda, através de cartas enviadas pelos frades que ainda viviam naqueles domínios. As missivas eram geralmente transportadas por religiosos ou mercadores latinos que partiam, sem muita regularidade, em direção ao ocidente (GRADAT, 2013: p. 167-170). É provável que o autor do *Livro do Estado* tenha sido um frade que, a pedido do pontífice - então instalado em Avinhão -, reuniu informações extraídas de relatos escritos e orais; ou ainda um dos religiosos enviados que passou alguns anos atuando nesses arcebispados e escreveu ou ditou, a mando de seus superiores, o que sabia sobre a organização do império tártaro-mongol e sobre a obra missionária de seus confrades da Ordem franciscana (GRADAT, 2007: p. 364).

Nas linhas legadas por esses homens de fé é possível perceber que o sucesso da empreitada evangelizadora estava associado às virtudes dos frades que para lá se destinavam, tornando sua instrução e conduta alvo frequente de atenção. Ao destacar as qualidades desses beatos exemplares, as cartas e relatos deixam entrever modelos que regulavam a formação e atuação dos frades em missão, e que eram disseminados entre pregadores e outros interessados em conhecer mais detalhes daquele pedaço do mundo. Frei João de Montecorvino já havia falecido quando o franciscano João de Marignolli chegou a Cambalique portando as insígnias de legado papal, mas a memória de seus feitos ficou registrada na passagem da *Crônica da Boêmia* em que lembra de sua viagem à corte mongol. Para Marignolli, após viver tantos anos junto àqueles orientais, seu colega franciscano havia se tornado “um frade muito instruído e muito sábio” (MARIGNOLLI, 2009: p. 32). A instrução já havia sido sublinhada pelo próprio João de Montecorvino como predicado incontornável àqueles que decidiam atuar na evangelização dos orientais. Em sua *Terceira Carta*, era solicitado o auxílio de outros missionários para a colheita das almas dos idólatras. Ele alertava, porém, que não “deveriam ser enviados senão homens muito firmes” em sua fé (MONTE CORVINO, 1955: p. 230).

A preocupação com a formação dos pregadores, sobretudo no que toca à sua capacidade de sustentar os fundamentos da fé católica por meio das Escrituras, devia-se aos frequentes questionamentos levantados não apenas pelos inveterados na idolatria, que manifestavam certa incompreensão com a noção de um Deus único e onipotente, mas também pelos “cristãos cismáticos”, especialmente, como vimos, os nestorianos que, à revelia dos latinos, haviam difundido por diferentes regiões da Ásia uma doutrina cristã que divergia do cristianismo professado pela Igreja romana em pontos centrais, em especial no que diz respeito à distinção entre natureza divina e humana de Cristo (HALBERTSMA, 2008: 31-70). Diante dessas diferentes crenças, não foram poucos os que reafirmaram que a vitória do batismo poderia depender do que esses frades sabiam sobre a doutrina católica e a concorrência entre diferentes grupos religiosos pela adesão do khan (DANIEL, 1992: 55-74).

A erudição não era, todavia, o único requisito elencado por esses cultivadores da fé para se lograr uma boa colheita de almas. Além de conhecer a verdadeira doutrina, diziam esses religiosos, era preciso agir com estrita retidão. O comportamento exemplar era considerado um meio privilegiado para ensinar aos incrédulos a conduta dos que

seriam salvos por Deus. Ao contar os feitos de João de Montecorvino, cuja memória se faz presente em diferentes cartas e relatos deixados por missionários, o autor do *Livro do Estado* destaca a “vida muito honesta e estimado por Deus e pelo mundo” desse arcebispo que “converteu uma multidão de pessoas à fé de Jesus Cristo” (Cap. VIII). O próprio João de Montecorvino, em sua *Segunda Carta*, havia solicitado ao papa que não enviase àquelas terras frades de qualquer estirpe. “Peço que venham tais frades”, escreveu ele da capital do império mongol, “e se alguns quiserem vir, procurem dar-se como exemplo e não alongar as franjas do seu manto” (MONTE CORVINO, 1955: p. 226), fazendo referência à passagem bíblica em que Jesus qualifica os fariseus de hipócritas, por não praticarem o que pregavam (Mt, 23-5).

O papel da conduta para a atuação dos frades nas terras estrangeiras foi sintetizado na última das cinco regras que, segundo o dominicano Riccoldo de Monte Croce, todo missionário deveria obedecer para alcançar sucesso na promoção da fé. Não bastaria ao pregador enviado em missão, afirma ele no fim do *Libellus ad Nationes Orientales*, escrito por volta de 1300, “saber ele mesmo falar a língua [do país], compreender as Escrituras, conhecer as seitas e suas razões e ver com discernimento a quem e sobre o que começar a falar; é necessário antes de tudo saber como se comportar”, o que para ele significava agir “com o maior zelo e com a maior constância, ser movido apenas pelo amor de Deus e a salvação das almas” (MONTECROCCE, 1992: p. 459).

#### **4. As “esmolas” do khan e a administração da obra missionária**

O cuidado com a instrução e o comportamento dos missionários era justificado pelo papel desempenhado por eles tanto na conversão do Grande Khan de Catai quanto na administração das posses e recursos a que esses religiosos tinham acesso. Esses dois aspectos não se encontravam dissociados nas cartas e relatos deixados por esses pregadores, que viram nos incentivos financeiros oferecidos pelo soberano mongol e seus súditos uma forma de manifestação da simpatia que nutriam pelo cristianismo. No último capítulo do *Livro do Estado*, dedicado a descrever o “grande favor que o Grande Khan concede” aos frades menores, seu autor incógnito afirma que o soberano – tal como sugerem outros viajantes, que o apresentam como o maior provedor de “esmolas do que qualquer príncipe ou senhor do mundo” (SÉVÉRAC, 2005: p. 137) – “de muito

bom grado quer que todos rezem por si. E de muito bom grado se preocupa e encoraja os frades para que preguem a fé de Deus nas igrejas pagãs, as quais ele chama de *vritanes*, também de boa vontade encoraja os pagãos para que escutem a pregação dos frades”, a quem escutam “com grande devoção, dando aos frades grandes esmolos” (Cap. VIII). Assim como a retidão de seus costumes deveria confirmar a verdade contida em suas pregações, o bom uso dos recursos de que dispunham poderia demonstrar os benefícios que a adesão à Igreja romana poderia resultar.

Além de assinalar a viabilidade material da empresa evangelizadora iniciada naquelas terras, as passagens que tratam dos incentivos concedidos pelo soberano mongol dão a conhecer o modo como os frades ali instalados haviam revertido essa riqueza em prol da disseminação da fé. Embora em alguns relatos seja possível encontrar referências sobre moedas, mantimentos e objetos preciosos transportados por esses religiosos, tais bens eram destinados a garantir sua sobrevivência durante o trajeto, a servir como facilitadores de passagem ou a promover boas relações com possíveis aliados, por meio da troca de donativos. O sustento dos religiosos que rumavam para aquele canto do mundo provinha essencialmente das dispensas pertencentes ao Khan, ao passo que lhes parecia conveniente sinalizar aos futuros missionários o destino dado a essas “grandes esmolos” pelos frades, sobretudo as doadas pelo Grande Khan.

As estimativas dos valores desembolsados pelo soberano mongol oscilam nos diferentes relatos e cartas deixados pelos missionários, provavelmente devido ao momento em que foram escritos e, sobretudo, pela dificuldade em estabelecer o câmbio entre a moeda oriental utilizada e as que circulavam nos reinos latinos. Muitos entre eles parecem concordar, no entanto, que se tratava de um valor elevado, suficiente para atender as necessidades dos missionários e auxiliá-los na expansão de sua obra missionária. Escrevendo a pedido do rei da Boêmia, frei João de Marignolli afirma que, em suas contas, as riquezas dispendidas pelo Khan com sua estadia “excediam o valor de quatro mil marcos”; quantia suficiente para garantir a ele e seus acompanhantes alimentação, bebida, vestimentas, criados e oficiais especialmente dedicados a servi-los (MARIGNOLLI, 2009: p. 35-36).

André de Pérúgia, quando já estava consagrado arcebispo de Zayton, conta que alguns mercadores genoveses conhecidos por ele naquelas terras haviam estimado a quantia, convertida na moeda corrente em sua terra natal, equivalente a 100 florins de ouro por ano. Esse missionário franciscano explica ainda que o subsídio, chamado de

*Alafa* pelos orientais, era uma espécie de garantia de alimentação e vestimenta concedida aos “enviados de príncipes, oradores, guerreiros, diferentes tipos de artesãos, menestréis, mendigos e a todo tipo de gente de todas as condições”. Se somada à riqueza destinada pelo Khan a essas gentes, diz o religioso, “esses subsídios ultrapassariam a receita e as despesas de vários reis dos países latinos” (ANDREW, 1914: p. 72).

A maneira como essas cartas e relatos descreviam a aplicação dada aos benefícios cedidos aos frades pelo governo do Khan reforça a ideia de que a boa conduta adotada por esses religiosos, respeitando a moderação e dispensando o supérfluo, propiciou a reversão de tais montantes na manutenção e ampliação da obra missionária. Embora não sejam dados a falar em possíveis luxos ou pompas, esses missionários indicam a vida farta, sem a carestia sofrida durante o trajeto percorrido para chegar até a capital do império. No último capítulo do *Livro do Estado*, seu autor reitera que “o Grande Khan sustenta os cristãos que, no dito reino, são obedientes à Santa Igreja de Roma”, especificando que o uso do ordenado atendia a “todas as suas necessidades” (Cap. VIII). E adita que quaisquer solicitações complementares feitas pelos religiosos não seriam utilizadas para seu conforto ou opulência, mas sim na manutenção de seus templos: “E quando esses lhe requisitam ou pedem alguma coisa para o reparo de suas igrejas, cruzes ou santuários em honra de Jesus Cristo, de muito bom grado ele os atende” (Cap. X), afirma o autor anônimo.

A construção e a manutenção dos edifícios religiosos tanto para a celebração quanto para a habitação são apontadas, a propósito, como o destino de parte dos ordenados recebidos por esses missionários. Ao tratar do assunto, André de Pérugia conta que, da renda recebida, ele gastou “a maior parte na construção de uma igreja”, tão boa e feita com recursos tão bem empregados que não havia “nenhuma outra entre todos os conventos de nossa província comparável em elegância e em todas as outras qualidades” (ANDREW, 1914: p. 73). A edificação de espaços reservados para a celebração dos ritos latinos e para a residência dos frades foi uma das principais ações tomadas para a consolidação dos arcebispados recém-criados de Cambalique e Zayton. As igrejas e conventos para a formação dessas jurisdições eclesiásticas cumpriam uma função importante na distribuição territorial do trabalho evangelizador, e traduzem parte dos esforços realizados pelos latinos para ganhar para o cristianismo a alma do Khan e junto com ela a dos habitantes daquela porção do mundo (MAZEL, 2016).

Após o retorno de João de Marignolli, em 1353, poucas notícias chegaram até nós sobre as atividades dos dois arcebispados católicos. Sabe-se que, em 1360, uma revolta liderada por chineses descontentes com o domínio mongol resultou na retomada das terras do sudoeste do país, dando fim ao arcebispado de Zayton. Poucos anos depois, em 1368, a dinastia Ming destituiu o khan do controle de Cambalique, capital de seu império, forçando o soberano e os diferentes grupos que viviam em seu entorno a retornar para a Mongólia. São poucos os indícios que permitam afirmar se a dinastia chinesa então reinante aboliu o arcebispado de Cambalique logo após sua subida ao poder ou se os frades atuaram nesses espaços ainda por alguns anos (RICHARD, 1998: p. 153-155). Certo é que as novas circunstâncias suscitadas pelo recrudescimento do império mongol e as dificuldades encontradas pelos novos frades enviados para ultrapassar os territórios muçulmanos – tendo-se notícias de alguns religiosos martirizados – fizeram minguar, na segunda metade do século XIV, o interesse dos prelados latinos em difundir, entre aqueles orientais, a doutrina cristã a partir da recriação da hierarquia eclesiástica da Igreja romana.

O *Livro do Estado do Grande Khan de Catai*, cuja tradução é apresentada a seguir, registra o momento áureo de funcionamento dessas instituições ligadas à Sé Apostólica, em que se imaginava que o encontro entre religiosos sábios e virtuosos com um soberano justo e pródigo teria como resultado a conversão das gentes daquela extensa parte do mundo e a conquista de um importante aliado contra os inimigos da fé.

#### **Nota sobre a tradução:**

A tradução do *Livro do Estado do Grande Khan de Catai*, a primeira até o presente momento publicada em português, foi realizada a partir da versão manuscrita produzida por volta de 1351 pelo monge beneditino de João Lelong d'Ypres. Esse religioso juntou em um único volume a tradução em francês de uma coleção de textos e relatos sobre o oriente distante que circulavam até então em latim. O manuscrito desse religioso, que cursou Direito em Paris e em 1366 foi nomeado abade do monastério cisterciense de Saint-Bertin, localizado em Saint-Omer, foi copiado em algumas versões manuscritas que chegaram até nós. A tradução apresentada a seguir foi baseada em uma das cópias do livro de João Lelong, mais especificamente, no manuscrito fr. 2810,

datado dos primeiros decênios do século XV, conservado atualmente na Biblioteca Nacional da França. Como apoio de leitura desse texto, foram utilizadas a transcrição publicada por Eugène Jacquet, em 1830, e a de Louis Becker, dada a lume no ano de 1877. Essas versões também foram confrontadas com a tradução inglesa de Henry Yule, publicada por Henri Cordier em 1914, e ainda foram cotejadas – nas partes que em havia ambiguidade ou em que era necessário buscar um termo mais adequado – com a versão em latim dada ao conhecimento do público mais recentemente pela transcrição publicada por Christine Gadrat, em 2007. As referências completas dessas obras encontram-se na bibliografia incluída no final da edição apresentada.

### **O livro do Estado do Grande Khan<sup>16</sup>**

Aqui começa [o livro] do estado e da governança do Grande Khan de Catai,<sup>17</sup> soberano imperador dos tártaros, bem como da administração de seu império e dos outros príncipes sob seu domínio; [livro] composto pelo arcebispo de Soltaniah<sup>18</sup> a pedido do papa João XXII, de seu nome. Traduzido do latim para o francês pelo irmão João Lelong de Ypres, monge de Saint Bertin, em Saint Omer.

1. O Grande Khan de Catai é um dos mais poderosos reis de todo o mundo, e todos os grandes senhores daquele país lhe estão sujeitos e lhe prestam homenagem. Especialmente três grandes imperadores, a saber, o imperador de Cambalique,<sup>19</sup> o imperador de *Boussay*<sup>20</sup> e o imperador de Uzbeque.<sup>21</sup> Esses três imperadores enviam todos os anos ao dito khan leopardos, camelos e girifalcos<sup>22</sup> vivos, além de uma grande quantidade de joias preciosas, pois eles o reconhecem como senhor e suserano. Esses três senhores são muito renomados e muito poderosos, como é sabido.

Quando o imperador de Uzbeque empreendeu guerra contra o imperador de *Boussay*, ele conduziu ao campo de batalha setecentos e sete mil homens a cavalo, sem deixar, em nada, desguarnecido seu império. Qual e quão grande será a força do grande Khan, que mantém sob seu julgo tão poderosos barões? Seu império é chamado de *Cathames* ou Catai; ele começa na extremidade do oriente e vai até a Índia Maior, estendendo-se em linha reta em direção ao ocidente, em uma distância a ser percorrida em seis meses. Nesse império há duas grandes cidades, Cambalique e Cassay.<sup>23</sup>

Todos aqueles de seu reino, grandes e pequenos, são seus servos e escravos. As pessoas do país demonstram tão grande obediência e temor a seu senhor, o Grande Khan de Catai, que ninguém ousa contestar ou desrespeitar suas ordens. De tal modo que, certa vez, quando o Grande Khan soube que um de seus grandes príncipes havia se portado mal em batalha a ponto de merecer a morte, ele enviou uma mensagem pedindo que lhe mandassem sua cabeça. E, assim que a carta chegou, aquele príncipe se apresentou no meio de sua gente e, sem rebelião e sem o contradizer, baixou sua cabeça e pacientemente deixou que a cortassem.

O Grande Khan guarda muito bem a justiça, tanto para os grandes quanto para os menores. Uma vez por ano, no primeiro dia da primeira lua de março, que é o primeiro dia de seu ano, o dito imperador se mostra ao seu povo adornado com púrpura, ouro, prata e pedras preciosas. Nesse momento, todos de seu povo se colocam de joelhos diante dele, adorando-o e dizendo: Eis nosso deus sobre a terra, que nos honra com grande afeição e grandes riquezas, que nos dá paz e que nos guarda a justiça. De modo que os imperadores não abrem mão de fazer justiça a ninguém, rendendo graças ao Deus onipotente. Ele liberta os prisioneiros e concede muitas graças e obras de piedade a todos os tipos de pessoas que precisam, e que lhe demandam. Mas a três tipos de gente, ele não concede nenhum tipo de favor, a saber, àqueles que levantaram a mão violenta e grosseiramente ao pai ou à mãe; àqueles que falsificaram a moeda do rei, que é de papel; e àqueles que envenenam alguém, dando-lhe veneno a beber. A esses três tipos, ele não concede nenhuma graça.

Nesse dia, ele concede muitas dádivas e grande quantidade de ouro, prata e pedras preciosas. O menor presente que oferece vale ao menos um *balismo*<sup>24</sup> de ouro e geralmente cinquenta *balismos*. O *balismo* vale mil florins de ouro. O dito imperador é piedoso e misericordioso. Ele providencia todos os dias para si e para seus súditos, trigo, arroz e todos os tipos de grãos; para isso, ele possui incontáveis celeiros e granéis. E quando em seu país há carestia de trigo ou de grãos, ele abre seus celeiros e oferece seu trigo e seu arroz pela metade do preço que os outros vendem. Assim, produz enorme abundância em tempos de vultuosa carestia. Ele concede muitas esmolas aos pobres por amor a Deus.

E quando alguém está tão enfraquecido de corpo que não consegue ganhar seu pão ou tão empobrecido a ponto de não ter do que viver, o imperador lhe provê todas suas necessidades. E isso ele faz para todo o seu reino, sem pressionar ninguém com

extorsões extraordinárias e não usuais. Sua riqueza vem de suas próprias rendas e tributos, e é tão grande que é sem número e sem fim. Possui tesoureiros e ótimas casas todas cheias de ouro, prata, pedras preciosas e outras joias, especialmente em suas principais cidades.

Ele também possui em todo seu reino, de uma cidade a outra, lugares onde ficam mensageiros a cavalo e a pé. Esses correios e mensageiros possuem sinos pendentes em seu peito ou em sua correia. E quando algum desses mensageiros vem portando as cartas do imperador, e se aproxima de alguma dessas casas, ele toca seus sinos. Ao ouvir esse som, outro dos mensageiros se prepara para rapidamente pegar as cartas e as levar até uma outra dessas casas. E assim também fazem outros, e não cessam de correr dia e noite até que as cartas cheguem ao seu destinatário. De modo, consegue o imperador obter em quinze dias notícias de um país que geralmente levaria três meses para ser percorrido. Ele recebe muito honradamente os mensageiros e embaixadores de qualquer país estranho ou senhorio; e os provê de todas as necessidades, indo e vindo por todo seu reino.

### **Do soberano bispo, que é o papa do império de Catai**

Este reino de Catai possui um bispo soberano, como entre nós é o papa. Aqueles do país e da sua fé o chamam de Grande *Trutins*<sup>25</sup>: ele é submisso e obedece ao dito imperador, o Grande Khan, como a seu senhor e seu soberano; mas o imperador o honra acima de todos os outros. Quando o imperador cavalga em sua companhia, ele o faz cavalgar bem a seu lado. O imperador não lhe nega nenhuma graça quando ele solicita. Esse Grande *Trutins* tem sempre a cabeça e a barba raspadas, traz sobre sua cabeça um chapéu vermelho e está sempre vestido de vermelho. Ele possui dominação e senhorio sobre o clero, bem como sobre todos os religiosos de sua lei, por todo o reino mencionado. A ele estão incumbidas a formação e a correção [do clero], não se intrometendo nem mesmo o imperador em suas ordens. Entre esses clérigos e religiosos há grandes prelados, bispos e abades, e todos estão sujeitos ao Grande *Trutins*.

Em cada cidade e vilarejo do império há abadias de homens de religião, e também damas vivendo de acordo com a lei do país e sujeitas à obediência e correção do Grande *Trutins*. Quase não existem cidades ou vilarejos no dito império onde não se encontre

uma abadia. E em cada abadia há ao menos duzentas pessoas; eles são muito ricos e com essas riquezas eles oferecem grandes esmolas a Deus. Vivem muito ordenadamente, dizem suas horas setes vezes por dia e se levantam muito cedo. Possuem sinos de metal feitos com a forma de cumeeira, com os quais tocam suas horas. Guardam a castidade, e nenhum desses clérigos<sup>26</sup> e religiosos se casam. São idólatras e louvam vários ídolos, acima dos quais eles dizem haver quatro deuses. Tais deuses são talhados por eles em ouro e prata, tanto na frente quanto atrás; e, acima desses quatro deuses, eles dizem existir um deus maior, superior a todos os outros deuses, grandes e pequenos.

### **Do estado e da condição do reino de Catai**

Esse reino de Catai é muito povoado: havendo ali numerosas cidades tão grandes quanto Paris ou Florença, e grande parte dos lugares é muito habitada; e há outras cidades sem número. Em muitas há belos campos, pastos e ervas de boa fragrância. Há numerosos rios de grande porte, com grande quantidade de água, onde habita muita gente, dada a grande multidão de pessoas que se encontra no dito reino. Eles fazem suas casas com madeira sobre embarcações, que sobem e descem sobre a água; e vão todos nessas suas casas fazer comércio de um país a outro. Nessas casas, as pessoas moram com toda sua família, com suas mulheres e seus filhos, e com todos os utensílios domésticos, e outras coisas necessárias, passando, assim, toda sua vida sobre as águas. Lá as mulheres deitam-se na cama, geram seus filhos e fazem todas as coisas como as outras que residem em terra. Se é interrogado a alguma delas onde nasceram, não sabem responder outra coisa senão que elas nasceram sobre a água, como foi dito.

Desse modo, é possível perceber que há lá muitas pessoas vivendo tanto sobre a água quanto sobre a terra. Tantas pessoas, que as bestas do país não lhes são suficientes, de forma que é preciso trazê-las de outros países, e por isso a carne é muito cara. Nesse país, há abundância de trigo, arroz, cevada e outros tipos de grãos, dos quais o Grande Khan colhe todos os anos um bom número e os coloca em seus celeiros, como dito acima. Colhem o arroz duas vezes por ano. Não produzem óleo de oliva, nem vinho da videira, e não trazem nada de outros lugares, porque são muito caros. Produzem óleo e vinho de arroz. E lá são cultivadas todas as frutas em grande abundância, exceto as

avelãs, que não possuem. Mas o açúcar eles dispõem em grande quantidade, e por isso ele é lá uma importante mercadoria.

O país é muito pacífico e nenhum ousa portar armas, nem promover a guerra, exceto aqueles que são encarregados da segurança do imperador ou para guardar alguma de suas cidades. No já mencionado império de *Boussay* cresce um tipo de árvore com cuja seiva se consegue oferecer bom auxílio ao povo daquele país, pois, ao esfolá-las, eles extraem um licor branco como um leite, bem doce e bem saboroso, e em grande quantidade. As gentes do país bebem-no e comem-no, tal como o leite de cabra, de muito bom grado. Quando essas árvores são cortadas em alguns lugares, sejam nos galhos ou em outras partes, elas vertem pelos cortes um tipo de suco que tem a cor e o sabor do vinho. Há outras árvores lá que dão frutos tão grandes quanto uma avelã ou como uma noz de São Graciano. Quando aquelas frutas estão maduras, as pessoas do país colhem-nas e abrem-nas, encontrando dentro grãos semelhantes ao do trigo, com os quais fazem pão, pasta e outro alimento, que comem com muito gosto.

### **Da disposição das duas cidades de Cambalique e Cassay**

Essas duas cidades de Cambalique e Cassay são muito grandes e muito renomadas. Cada uma delas possui bem trinta milhas de circunferência e são muradas por todos os lados. Há tal multidão de pessoas nessa cidade que só os servos responsáveis por guardar a cidade de Cambalique são estimados em quarenta mil homens armados. Na cidade de Cassay há mais servos ainda, pois sua população é maior. É uma cidade muito comercial. Para essa cidade, vêm todos os mercadores do país e ali são abundantes todos os tipos de mercadorias; e os ditos Sarracenos guardam muito cuidadosamente de noite e de dia as cidades acima referidas.

### **Da moeda que circula por todo o reino**

O Grande Khan faz moeda de papel, com um signo vermelho bem no meio e letras escritas em preto no lado oposto. Essa moeda vale mais ou menos de acordo com o símbolo escrito nela. Um indica um *maille* (meio denário), o outro um denário e,

assim, uns valem mais e outros menos. Avaliam suas moedas de ouro e de prata a partir de sua moeda de papel.

Encontra-se nesse país mais diversidade de mercadorias do que em lugares como Roma ou Paris. Lá há grande quantidade de ouro, prata e pedras preciosas, pois, quando os comerciantes de fora vão ali fazer comércio, deixam ouro, prata e pedras preciosas em troca das mercadorias do país: especiarias, tecidos de seda e de ouro, com os quais fazem grande comércio.

Os referidos imperadores possuem tesouros tão imensos, que é uma maravilha; e isso se deve a essa moeda de papel. Quando essa moeda de papel fica muito velha e desgastada, sem que se possa bem manejá-la, é levada aos moedeiros, na câmara do rei, onde os encarregados de conferir se o símbolo ou o nome do rei são reconhecidos, o moedeiro do rei troca o papel velho por um novo, descontando por esta renovação, de cada cem, três. Fazem também todos os seus privilégios em papel.

## **6. Do modo de vida das gentes desse país**

As gentes do imperador vestem-se muito honrada e ricamente, e vivem sem restrições; com grande abundância de seda e de ouro. E por disporem de pouco linho, todos possuem camisas de seda e suas roupas de panos da Tartária, de camocas<sup>27</sup> e de outros ricos tecidos, com frequência ornados com ouro, prata e pedras preciosas; com longas mangas que lhes cobrem as mãos. Possuem também vários tipos de louças feitas com cana, que são grossas e pesadas. Comem carnes de todos os tipos de animais e, quando fazem grandes festas, matam camelos e fazem finos pratos com sua carne, à sua maneira. Eles dispõem de grande quantidade de peixe e outras coisas que se assemelham ao viver de outras gentes.

## **7. Da maneira como sepultam seus mortos**

Quando alguma criança nasce, eles guardam cuidadosamente e registram o dia de seu nascimento. E quando morre, seus amigos e parentes o colocam em um leito feito de papel e adornado com ouro e prata. Nesse leito, junto ao morto, colocam mirra e

incenso. Depois, colocam o leito em uma carroça, e essa carroça é puxada com cordas por todos aqueles de sua linhagem até um lugar reservado para esse fim, e aí queimam o morto com seu leito e sua carroça. Explicam a razão disso dizendo que, assim como se purga o ouro pelo fogo, convém aos corpos humanos serem purgados pelo fogo, a fim de que possam ressuscitar em plena pureza. Após queimarem seus mortos, eles retornam a suas casas e, em memória do morto, mandam fazer uma figura à sua semelhança. Tal imagem colocam em um certo lugar e, a cada ano, no dia de seu nascimento, queimam diante dela *lignum aloes* e outros tipos de especiarias muito cheirosas. E assim guardam a memória do nascimento do morto.

#### **8. Dos frades menores que habitam nesse país**

Na dita cidade de Cambalique, havia um arcebispo cujo nome é Frei João de *Mont Curum* (João de Montecorvino), da Ordem dos Frades Menores, que foi legado, enviado do papa Clemente. Aquele arcebispo fez na dita cidade três conventos para os frades menores, a duas léguas de distância um do outro; fez também dois outros na cidade de Zayton, que é bem longe de Cambalique, a uma viagem de três meses pela costa do mar, para onde foram dois arcebispos designados para esses dois lugares. Um deles foi Frei André de *Paris* (André de Perúgia) e o outro era Frei Pedro de Florença. Aquele Frei João, o arcebispo, converteu uma multidão de pessoas à fé de Jesus Cristo. Ele é um homem de vida muito honesta e estimado por Deus e pelo mundo, gozando da graça do imperador. Esse imperador atende sempre todas as suas necessidades e as de sua gente, sendo muito querido tanto pelos cristãos quanto pelos pagãos. Por certo, o frade teria convertido toda essa região à fé cristã e católica se os nestorianos, falsos cristãos e infiéis, não tivessem impedido e prejudicado.

O dito arcebispo passou por grandes tormentos com esses nestorianos para conduzi-los à obediência de nossa mãe e Santa Igreja de Roma, sem a qual obediência, ele afirmava que não poderiam ser salvos. Por causa disso, os nestorianos, cismáticos tinham grande inveja dele. Esse arcebispo, por vontade de Deus, recentemente fez seu trespasse deste mundo. Em suas exéquias, junto à sua sepultura, compareceu grande multidão de gente, cristãos e pagãos. Esses pagãos dilaceravam suas roupas de luto,

como é seu costume. E os cristãos e pagãos tomaram as vestes do arcebispo com grande reverência e como uma relíquia.

Lá foi sepultado muito honradamente, segundo o rito dos verdadeiros cristãos. E ainda visitam o lugar de sua sepultura com muita devoção.

### **9. Dos cismáticos cristãos nestorianos que lá residem**

Na dita cidade de Cambalique há um tipo de cristão cismático que chamamos de nestorianos. Eles seguem os modos e a aparência dos gregos. Não obedecem à Santa Igreja de Roma, dado que são de uma outra seita e nutrem um grande ódio pelos cristãos católicos que ali são obedientes à Santa Igreja referida. Quando aquele arcebispo de quem falamos acima edificou as referidas abadias dos frades menores, os nestorianos destruíram-nas durante a noite, fazendo ali todo mal que eles podiam; porque eles não ousavam fazer mal ao dito arcebispo, nem a seus frades e aos outros fieis cristãos em público ou abertamente, pois os imperadores amavam-nos e demonstravam por eles sinais de apreço.

Esses nestorianos são mais de trinta mil morando no dito império de Catai, e são muito ricos, mas muito descrentes e receosos dos cristãos. Possuem devotas e belíssimas igrejas, com cruzes e imagens em honra de Deus e dos santos. Eles recebem do dito imperador vários ofícios e obtêm dele grandes privilégios. Por isso cremos que, se eles concordassem em se unir aos frades menores e a outros bons cristãos que moram nesse lugar, seriam todos do país e seus imperadores convertidos à verdadeira fé.

### **10. Do grande favor que o Grande Khan concede aos mencionados cristãos**

O Grande Khan sustenta os cristãos que, no dito reino, são obedientes à Santa Igreja de Roma: ele os provê de todas as suas necessidades, pois tem por eles grande devoção e demonstra-lhes um grandíssimo apreço. E quando esses requisitam-lhe ou pedem alguma coisa para o reparo de suas igrejas, cruzes ou santuários em honra de Jesus Cristo, de muito bom grado ele os atende. Porém, pede-lhes para que rezem a Deus por si e por sua saúde, especialmente em seus sermões; e de muito bom grado quer

que todos rezem por si. De muito boa vontade consente e encoraja os frades para que preguem a fé de Deus nas igrejas pagãs, as quais ele chama de *writanes*;<sup>28</sup> também de bom grado encoraja os pagãos para que escutem a pregação dos frades. Assim, esses pagãos vão voluntariamente e sempre com grande devoção, dando aos frades grandes esmolas.

Também esses imperadores se colocam à disposição e enviam com muito gosto suas gentes para proteger e assistir os cristãos quando eles precisam ou quando requisitam ao imperador.

Aqui acaba [o livro] da governança e do estado do Grande Khan soberano imperador dos tártaros.

### Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. Vol. II. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Federação Agostiniana Brasileira, 1999.
- ANDREW, Bishop of Zayton. Letter. In *CATHAY and the Way Thither*. Being a Collection of Medieval Notices of China. Vol. III. Trad. and Ed. by Henry Yule London: The Hakluyt Society, 1914.
- BOULNOIS, Olivier. Os escolásticos, Boaventura (cerca de 1220-1274), Tomás de Aquino (1225-1274), Duns Scotus (1265-1308): Beatitude, Lei Natural e Pobreza. In. CAILLÉ, Alain; LAZZERI, Christian; SENELLART, Michel. *História Argumentada da filosofia moral e política: a felicidade e o útil*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006, p.169-184.
- \_\_\_\_\_. A virada cristã: a lei da caridade. In. CAILLÉ, Alain; LAZZERI, Christian; SENELLART, Michel. *História Argumentada da filosofia moral e política: a felicidade e o útil*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006, p.124-132.
- BOULOUX, Nathalie. *Géographes et voyageurs au Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires, 2010.
- CAETANO, Marcello. *História do Direito Português*. 3 ed. Lisboa; São Paulo: Verbo, 1992.
- CARPIN, Jean du Plan. Relation du voyage de Jean du Plan Carpin en Tartarie. In: BERGERON, Pierre. *Voyages faits principalement en Asie dans les XII, XIII, XIV et XV siècles*, par Benjamin de Tudèle, Jean du Plan-Carpin, N. Ascelin, Guillaume de Rubruquis, Marc Paul vénitien, Haiton, Jean de Mandeville et Ambroise Contarini: accompagnés de l'Histoire des Sarasins et des Tartares, et précédez d'une Introduction concernant les voyages et les nouvelles découvertes des principaux voyageurs. La Haye: Chez Jean Neaulme, 1735.

- CARPINE, João de Pian dei. História dos mongóis. In *Crônicas de viagem: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330)*. Tradução, introdução e notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.
- CARPINI, Giovanni, Plano; DI, G.; ERIK, Hildinger. *The Story of the Mongols Whom We Call the Tartars*. Erik Hildinger, trans. Branden, Boston: MA, 1996.
- CATHAY and the Way Thither*. Being a Collection of Medieval Notices of China. Vols. II-III. Trad. and Ed. by Henry Yule London: The Hakluyt Society, 1914.
- DANIEL, E. *The franciscan concept of mission in the High Middle Ages*. Nova Iorque: Franciscan Pathways, 1992.
- DE BACKER, Louis. *L'Extrême Orient au Moyen-Âge d'après les manuscrits d'un flamand de Belgique moine de Saint-Bertin à Saint-Omer et d'un prince d'Arménie moine de Prémontré à Poitiers*. Paris: Leroux, 1877.
- FRANÇA, Susani S. L. *Mulheres dos outros: os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XIII-XV)*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- FRESNEDA, F. M.; NAVAS, J. L. P. *Teología y Moral Franciscanas*. Murcia: Editorial Espigas, 2002.
- GADRAT, Christine. De statu, conditione ac regimine magni Canis. L'original latin du "Livre de l'estat du grant Caan" et la question de l'auteur. *Bibliothèque de l'école des chartes*. Tome 165, livraison 2, 2007, pp. 355-371.
- \_\_\_\_\_. Des nouvelles d'Orient: les lettres des missionnaires et leur diffusion en occident (XIIIe - XIVE siècles). In DUCOS, Joëlle; HENRIET, Patrick. *Passages: déplacements des hommes, circulations des textes et identités dans l'Occident médiéval*. Actes du colloque de Bordeaux (2-3 février 2007). Méridiennes: Toulouse, 2013. p. 159-172.
- GAUTIER-DALCHE, Patrick. *La terre: connaissance, représentations, mesure au Moyen. Âge.* - Turnhout : Brepols, 2013.
- GARCÍA DE CASTROJERIZ, Juan, fr. *Glosa Castellana al "Regimiento de Príncipes" de Egidio Romano*. Edición, estudio preliminar y notas de Juan Beneyto Perez. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005.
- GIOVANNI (DA PIAN DEL CARPINE, ARCHBISHOP OF ANTIVARI); SCHMITT, Clement. *Histoire des Mongols: enquête d'un envoyé d'Innocent IV dans l'Empire Tartare, 1245-1247*. Paris: Éditions Franciscaines, 1961.
- GILSON, Étienne. *L'Esprit de la philosophie médiévale*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.
- GONÇALVES, Rafael A. *Cristãos nas terras do Cã*. As viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XIV. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- GUENÉE, Bernard. *O ocidente nos séculos XIV e XV: os estados*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- GUÉRET-LAFERTÉ, M. *Sur les routes de l'empire mongol: Ordre et rhétorique des relations de voyage aux XIIIe et XIVE siècle*. Paris : Honoré Champion, 1994.

- GUGLIELMI, Nilda; RUCQUOI, Adeline (coord.) *Derecho y Justicia: El poder en la Europa medieval. Droit et justice: le pouvoir dans l'Europe médiévale.* Buenos Aires: IMHICIHU– CONICET, 2008.
- GROSSI, Paolo. *O direito entre poder e ordenamento*, Belo Horizonte: Del Rey, 2010.
- HALBERTSMA, Tjalling H. F. *Early Christian Remains of Inner Mongolia.* Leiden: Brill, 2008.
- JACKSON, P. *The Mongols and the West. 1221-1410.* London: Pearson /Longman, 2005.
- JACQUET, E. Le livre du Grant Caan, extrait d'un manuscrit de la Bibliothèque du Roi. *Nouveau journal asiatique*, 6, 1830, pp. 57-72.
- MARIGNOLLI, Jean de. *Au jardin d'Éden.* Traduit du latin, présenté et annoté par Christine Gadrat. Toulouse: Anacharis Ed., 2009.
- MAZEL, Florian. *L'Evêque et le Territoire. L'invention médiévale de l'espace (Ve-XIIIe siècle).* Paris: Éditions du Seuil, 2016.
- MOLLAT, M. *Les explorateurs du XIIIe au XVIe siècle.* Premiers regards sur des mondes nouveaux. Paris: Editions du C.T.H.S, 1992.
- MONTE CORVINO, John of. Letters. In DAWSON, C. *The Mongol Mission.* Narratives and letters of the Franciscan missionaries in Mongolia and China in the thirteenth and fourteenth centuries. Nova Iorque: Sheed and Ward, 1955.
- MONTECORVINO, J. de. Cartas. In CARPINE, João Pian del.[et al.]. *Crônicas de Viagem: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330).* Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.
- MONTECROCCO, Riccoldo. Libellus ad nationes orientales (extrato). In FAVIER, Jean. *Archives de l'Occident: le Moyen Âge (ve-xve siècle).* Tomo I. Paris: Fayard, 1992.
- MONTE CROCE, Riccold de. *Pérégrination en Terre Sainte et au Proche Orient.* Texte latin et traduction par René Kappler. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.
- NEWTON, A. P. *Travel and Travellers of the Middle Ages.* New York: Barnes & Noble, 1968.
- PAIS, Álvaro, fr. *Espelho dos Reis.* Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Vol. I e II. Lisboa: Instituto de Alta Cultura e Centro de Estudos de Psicologia e História da Filosofia, 1955; 1963.
- PÉREZ, Martín. *Libro de las Confesiones.* Una radiografía de la sociedad Medieval Española. Edição e notas de GARCIA Y GARCIA Antonio; ALONSO RODRÍGUEZ Bernardo; CANTELAR RODRÍGUEZ Francisco. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- PHILLIPS, Kim M. *Before Orientalism: Asian peoples and cultures in european travel writing, 1245-1510.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.
- PRODI, Paolo. *Uma história da Justiça.* Do pluralismo dos foros ao dualismo moderno entre consciência e direito. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RACHEWILTZ, I. *Papal Envoys to the Great Khans.* Stanford, 1971.

- RÉGNIER-BOHLER, Danielle (Ed.). *Croisades et pèlerinages: récits, chroniques et voyages en Terre sainte, XIIe-XVIe siècle*. Paris: Robert Laffont, 1997.
- RICHARD, J. *La papauté et les missions d'Orient au moyen âge ( XIIIe-XVe siècles)*. Rome: Collection de l'École Française de Rome 33, 1998.
- RINCÓN, David Nogales. Los espejos de príncipes en Castilla (siglos XIII-XV): un modelo literario de la realeza bajomedieval. *Medievalismo: Boletín de la Sociedad Española de Estudios Medievales*, Madrid, n. 16, p. 9-40, 2006.
- RYAN, J. Conversion or the Crown of Martyrdom: Conflicting Goals for Fourteenth Century Missionaries in Central Asia? In: GYUG, F. *Medieval Cultures in Contact*. New York: Fordham Univ Press, 2003.
- SENEILLART, Michel. *O Policraticus* de João de Salisbury (1115/20-1180): Uma ética real da salvação pública. In. CAILLÉ, Alain; LAZZERI, Christian; SENEILLART, Michel. *História Argumentada da filosofia moral e política: a felicidade e o útil*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006, p.155-160.
- SÉVÉRAC, Jordan Catala. Les Mirabilia descripta in GADRAT, C. *Une image de l'orient au XIVème siècle: les Mirabilia descripta de Jordan Catala*. de Sévérac, Christine Gadrat (ed.), École des chartes, Paris, 2005.
- SULLIVAN, James. *Li Livres du Gouvernement des Rois*, a thirteenth century french version of Egidio Colonna's treatise De Reghine Principurn, now first published from the kerr manuscript. Edited by Samuel Paul Molenaer, New York: Columbia University Press, 1899.
- WOODS, D. *Christianizing Peoples and Converting Infidels*. Turnhout: Brepols Press, 2000.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Temático “Escritos sobre os Novos Mundos (...)”, financiado pela FAPESP – Processo 2013/14786-6.

<sup>2</sup> Bolsista FAPESP de Pós-doutorado – Processo: 2017/12152-0

<sup>3</sup> Sobre as missões franciscanas e seus alvos, ver: (DAWSON, 1955: p. XXI-XXXV).

<sup>4</sup> Frei Álvaro Pais refere a intermediação de Cristo, a qual define como “príncipe de todos os reis, pois que dele vem todo o poder secular” (PAIS, 1955: p. 33).

<sup>5</sup> “*Otrosi, a los legos predicandoles e amonestandoles e oyendolos de confesion, si al que non en aquellos casos que pertenesçen a el, sabiendo quales estan en malquerença e fazerlos venir a paz e a concordia, e quales non estan en penitência e fazerlos venir a ella [...]*” (PÉREZ, 2002: p. 317).

<sup>6</sup> Ver: (GUGLIELMI; RUCQUOI, 2008).

<sup>7</sup> A Paz Mongólica refere-se à estabilidade alcançada desde as últimas décadas do século XIII nos domínios tártaros. Todavia, Peter Jackson recomenda aos historiadores usarem a expressão com cuidado, para que os diversos conflitos que ocorriam no território não sejam negligenciados (JACKSON, 2005: p. 309-313).

<sup>8</sup> Um exemplo é o clássico de Egídio Romano, *De Regimine Principum* (SULLIVAN, 1899: p. 08-09; p. 47-48).

<sup>9</sup> Sobre o peso das informações adquiridas pelos viajantes de ouvir falar, ver: (RÉGNIER-BOHLER, 1997: p. XLIII).

<sup>10</sup> Remissiva a Cristo como seu primeiro praticante (Cf. SENEILLART, 2006: p. 129). A moral franciscana, por exemplo, era fundada na ideia de que o amor a Deus ganhava forma no amor ao próximo por meio dos cuidados com este (FRESNEDA; NAVAS: 2002, p. 169).

<sup>11</sup> A autoria suposta do dominicano John de Cora foi recentemente descartada por Christine Gadrat (GRADAT, 2013: p. 357-359).

---

<sup>12</sup> Santo Agostinho foi, no âmbito do Cristianismo, um daqueles que identificou justiça e obediência à lei divina (SECELLART, 2006: p. 158).

<sup>13</sup> Sobre a forma como o soberano assume responsabilidade sobre o direito penal no período de fortalecimento dos estados, ver: (CAETANO, 1992: p. 257-259; PRODI, 2005: p. 183-185).

<sup>14</sup> Referência à lei divina, suprema, que é o modelo de toda ordenação possível no âmbito do pensamento cristão (GUGLIELMI; RUCQUOI, 2008: p. 179-180).

<sup>15</sup> Equidade sempre lembrada desde João de Salisbury (GUGLIELMI; RUCQUOI, 2008: p. 100).

<sup>16</sup> As versões cotejadas do relato diferem quanto ao título, optando algumas apenas pela forma “Do estado e da governança do Grande Khan de Catai”. Nesta versão, entretanto, fizemos opção pela forma do manuscrito utilizado como base: MSS *Français 2810*, conservado na Biblioteca Nacional da França.

<sup>17</sup> A versão em latim traz a forma: “Do estado, da condição e da governança...”, mas optamos aqui pela forma que consta no manuscrito em francês.

<sup>18</sup> A indicação do arcebispado de Soltaniah aparece no manuscrito base desta tradução, todavia, em estudo relativamente recente, Christine Gadrat adverte que este manuscrito se equivoca quanto à informação, pois o arcebispo seria o de Salerno, provavelmente Bertrand de La Tour ou Arnaud Royard (GADRAT, 2007: p. 358-359).

<sup>19</sup> Na versão em latim, o termo que aparece é Calet, Kebek, khan du Djaghataï (1309-1310 et 1320-1326) (GADRAT, 2007, p. 366). Segundo Henry Cordier, editor da versão em inglês do texto, o manuscrito francês traz um equívoco claro nessa passagem, pois ao invés de Cambalique – capital do Império Mongol – o correto seria Armalech – cidade próxima a Kuldja (Xinjiang-China).

<sup>20</sup> Provável referência a Abu Sa'id Bahadur Khan (1305-1335) do Ilcanato da Pérsia.

<sup>21</sup> Trata-se do khan da Horda de Ouro ou Quipchaco (1312-1340) (Cf. JACKSON, 2005: p. 203).

<sup>22</sup> Espécie de falcão.

<sup>23</sup> Atual Hangzhou, localizada na costa leste da China, próximo a Xangai (PHILLIPS, 2013: p. 151).

<sup>24</sup> Moeda tártara (CATHAY, 1914: v. II, p. 196).

<sup>25</sup> Segundo Henry Yule, o termo *Trutins* seria uma variação de *Tuin*, nome utilizado pelos tártaros, na língua uigur, para designar os monges budistas (CATHAY, 1914: v. III, p. 93, nota 1).

<sup>26</sup> O termo que aparece nas versões é: *clercs*, em francês; ou *clerks*, em inglês; ou *clerici*, em latim.

<sup>27</sup> Brocado usado no Oriente.

<sup>28</sup> Há dúvidas quanto ao significado do termo, mas Henry Yule considera provável tratar-se do Sânscrito *Vihára*, um monastério Budista. (CATHAY, 1914: v. III, p. 102)